Velejada de Porto Alegre para Buenos Aires

Em outubro de 2010 o André Barth já estava planejando velejar com o veleiro **Victor** (Fast 345) até Buenos Aires nas férias de janeiro. O objetivo era ir para Rio Grande, ficar um dia lá, sair direto para Piriapolis no Uruguai, ficar um dia para abastecer, continuar direto para Buenos Aires. Ficar lá uma semana e voltar, parando em Colonia Del Sacramento, Montevidéu, Piriapolis, La Paloma, Rio Grande (para comer um bom camarão) e Porto Alegre.

Quando ele me perguntou se iria com o **Canibal** (Delta 36), eu fiquei bastante interessado. Sempre fui para o norte, porque não ir para o sul desta vez? Seria uma boa estréia em portos internacionais e um bom pretexto para exibir minha nova e reluzente carteirinha de Capitão Amador. Que moral, hein?

O tempo foi passando e fui preparando o barco para esta viagem. Pintura do fundo, troca dos zincos, óleo da rabeta e motor, novos filtros etc. Em dezembro já estava decidido a ir. Convidei o Walter, um velho amigo de aventuras, de São Paulo, que há muito não via. Ele topou na hora. Largada prevista para dia 8 de janeiro de 2011. Embarque no dia 7. E lá fomos nós...

8/jan - Sabado: Porto Alegre

Chegou o grande dia! Saímos ás 09:30 do Veleiros do Sul com rumo direto para Rio Grande. Aproximadamente 160 milhas (296 Km) até o Rio Grande Iate Clube. Do clube até a saída para o mar são mais 12 milhas (22 Km). Pouco vento, vela mestra em cima, motor funcionando, tempo limpo e claro. Mais tarde, entrou um vento leste, fraco. Á noite o vento *refrescou* (= ficou mais forte) e deu para velejar bem, com água azul, devido ao nível baixo de água do rio. Seca de verão.

9/jan – Domingo: Feitoria

Chegamos na entrada do canal da Feitoria . É uma região rasa com um canal parte dragado, parte natural, mas com muito transito de embarcações e navios. Não é recomendável passar lá à noite. Assim, a navegação é feita para chegar lá ao amanhecer. Fomos com vento meio fraco e chegamos lá às 11:00, com vento de 15 a 20 nós, ainda do leste.

Velejamos por quase todo o canal. Entramos no canal dragado Miguel da Cunha. A maré estava alta. Beiramos a primeira bóia *encarnada* (=vermelha) e depois dela seguimos pelo meio do canal. Felizmente não encalhamos. Mas encalhamos na entrada do Iate Clube. Tivemos que embalar bem e entrar com velocidade, empurrando o lodo. Nas mãos dos sempre atenciosos funcionários do Clube, atracamos e fomos dormir uma siesta merecida. Depois dela, os Barth nos convidaram para um assado, nas churrasqueiras do clube. Excelente.

10/jan – Segunda: Rio Grande

Fizemos um passeio pela cidade e algumas compras de mantimentos. Almoçamos no Victor. Um arroz carreteiro de primeira categoria. Á tarde, o veleiro argentino "Amigo" saiu para Buenos Aires. Disseram que haveria muitas regatas entre Punta del Este e Buenos Aires e as marinas estariam muito cheias. Vimos as previsões do tempo: Chuvas, ventos Leste e Noroeste com 15 nós por 2 a 3 dias. Depois, calmaria, com tempo claro. Decidimos sair cedo, abastecer e sair para o mar. O vento seria de *través* (=de lado).

11/jan – Terça: Saída para o mar

Hora: 05:15 da manhã, café com mamão, sanduíche etc. Reforçado porque velejando no mar com ondas não dá para cozinhar. Saímos e encalhamos no clube. Maré estava mais baixa. Depois de varias tentativas, conseguimos sair.

Enchemos o tanque e dois galões de diesel. O vento já se fazia presente. Tempo ameaçando chuva, céu bem escuro. Começamos a percorrer as 12 milhas (22,2 Km) do canal do porto de Rio Grande. Na saída para o mar, ondas bastante grandes e com crista branca. Vento de 20 a 25 nós. Vela mestra no 2º riso e motor, para garantir. Depois de acertado o rumo, desligamos o motor. 8,5 a 9 nós de velocidade. Través, com ondas altas de través também. Barcos adernados, mas velozes. *Emocionante!* Meu companheiro de aventuras enjoou muito. Lembrei que nossas ultimas aventuras náuticas juntos foram há uns 30 anos atrás... Percebi que ele tinha todo o direito de enjoar. Á noite, a chuva parou, mas o vento continuou forte. Eu estava com *roupa de tempo*

(=macacão impermeável) e cinto de segurança. Amarrei-me na catraca e consegui cochilar algumas vezes, quando não acordava com o cotovelo na água passando pelo convés, quando a borda mergulhava. Eu já disse: *emocionante!*

12/jan – Quarta: Perto de Chuí

O vento *amainou* (=enfraqueceu) um pouco, mas o mar continuou agitado. E o meu amigo, enjoado. O vento foi enfraquecendo, como previsto e à tarde o mar estava bem mais calmo. Vento com 5 a 10 nós, o Victor andando a 4 nós, o Canibal querendo disparar. Mas estava bem mais agradável. O Walter reapareceu no *cockpit* (=área externa, onde está o timão), com uma expressão bem melhor. Fiquei aliviado por vê-lo bem. Passamos ao largo de La Paloma. Seria um bom lugar para descansar, mas resolvemos seguir direto para Punta del Este, a 45 milhas (83 Km). Era de tarde, tempo bonito, mar lindo e uma costa muito bonita. Vento fraco pela popa. Motor ligado até Punta. A entrada de Punta é linda. Chegamos bem no por do sol. Como o late Clube de lá estava cheio e dizem que a diária é muito cara, ancoramos na Isla Gorriti. É uma ilha em frente à cidade, com uma praia bonita, com quiosques e um bosque.

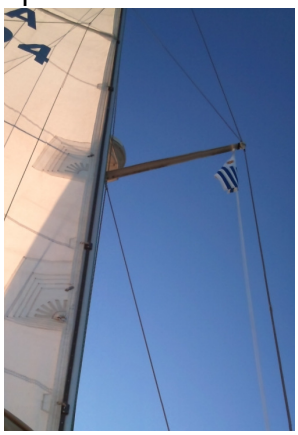
Isla Gorriti

13/jan – Quinta: Punta del Este

Depois de um bom café da manhã, sem estar adernado, saímos às 9:00 da manhã rumo a Piriápolis, a 18 milhas (33 Km) de lá, onde ficaríamos alguns dias para descansar. Só motor, acompanhando a linda costa, cheia de prédios e balneários, todos com praias. Mar cor turquesa exuberante.

Em todas as cidades da costa existe um ponto assinalado nas cartas náuticas onde é obrigatório chamar pelo radio no canal 16. É La Paloma Control, Punta del Este Control, Piriapolis Control, etc. Em cada chamada, pedem dados do barco como numero de inscrição, registro do radio, etc. Uma coisa que chama a atenção é que tudo na costa está perfeito: as bóias são encarnadas ou verdes, limpas e brilhantes, numeradas e com todas as luzes funcionando perfeitamente, as lanchas de patrulha naval em atividade, etc.

Entramos na marina de Piriápolis. Cheia. Atracamos os dois veleiros no contra bordo de outros dois barcos. Conseguimos abastecer o Victor (só 16 litros!) e o Canibal só 21 litros). Vantagem do vento forte. Depois de passar pelo convés dos outros barcos e escalar a parede de concreto do píer, nos encontramos com o Sr. Carlos Pont, nosso conhecido do *Popa.com.br*, que mora lá. Tínhamos que fazer a entrada no Uruguai, dos barcos e dos tripulantes. Vale a pena fazer varias copias xérox dos documentos do barco, das identidades dos tripulantes e da *saída* do barco do Brasil. Este documento é importantíssimo. Tem que ser feito na Capitania dos Portos. Este documento é carimbado na entrada e na saída de cada porto, como se fosse um passaporte. Cada porto fica com uma xérox dos tripulantes. (Todos tem que se apresentar pessoalmente), uma copia da TIE (Titulo de Inscrição de Embarcação), copia da Carteira de Capitão Amador. O Sr. Carlos nos deu uma carona até a Prefectura Naval, a 1,5 Km do porto, pela *Rambla* (= avenida beira mar). Feitos os documentos, fomos passear pela cidade e comprei a bandeira Uruguaia e a Argentina. Afinal, esta é uma viagem internacional.



Piriapolis é um balneário muito bonito, com ruas arrumadas e floridas. A praia é bonita, mas o mar é frio e havia uma infinidade de água-vivas. Almoçamos uns "Chivitos": carne com batata frita e salada, muito gostoso. Trocamos algum dinheiro: R$ 1,00 = 12 Pesos UY. Os preços eram parecidos com os de Porto Alegre, talvez um pouco mais caros. Voltamos para a marina, compramos os tickets para o chuveiro e fomos tomar banho. A marina é pública, como a maioria das coisas no Uruguai. Paga-se pelo que se usa. Voltamos para o barco. Fomos avisados que iria entrar um vento forte à noite. Nos ajudaram a remanejar os barcos e o Victor ficou atracado direto no cais e o Canibal no *contra bordo* (=ao lado) dele. Antes de dormir, fomos perto do escritório administrativo para usar a Wi-Fi gratuita e ver a previsão do tempo. *Gribb* e *Windguru*. No domingo entra o temido "Pampeiro", de Nordeste e vira para Sul, sempre com 35 nós e muito mais nas rajadas.

Resolvemos sair amanhã cedo para chegar a Buenos Aires antes do domingo. Voltamos para os barcos. Janta leve e cama.

14/jan – Sexta: Piriapolis

Levantamos as 7:00. Café, preparando tudo para sair. O Igor, do Victor, foi atualizar as previsões. O vento parecia mais fraco que ontem. Saímos a motor, com vento fraco na cara. De tarde, entrou um vento Sueste com 15 a 20 nós. Través e alheta. Bom para velejar, apesar de forte. Estávamos passando por Montevidéu, rumo direto para Buenos Aires, tempo limpo e com sol. Eu desci para a cozinha e quando voltei ao cockpit, vejo o Victor **SEM MASTRO!** Quebrou na 1ª cruzeta e estava com a ponta na água, com a vela imersa abraçando a proa. A vela

mestra estava abaixada devido ao vento forte. O vento nos estava empurrando rápidamente para a costa e perto de nós estava uma bóia amarela de “Perigo Isolado”. A tripulação estava tentando

retirar a vela da água. No desespero para sair de perto da bóia, foi acionado o motor, mas os cabos submersos logo entraram na hélice e trancaram o motor. Ficaram à deriva, sem vela nem motor... Abaixei as velas do Caníbal e fiquei dando voltas em torno do Victor e pensando como poderia fazer para pegar um cabo de reboque sem a minha hélice enroscar no emaranhado de cabos submersos. Se isso acontecesse, iríamos os dois para o costão de pedras da Punta Brava.

O André no Victor já estava com um cabo longo na mão, na proa. O Walter estava a postos no convés do Canibal. Resolvi me afastar e dar todo o motor para embalar bem o barco, passar perto do Victor, mas com o motor desligado e engatado, para fechar a hélice retrátil. Na 3ª tentativa, deu certo e conseguimos laçar o cunho a tempo. UFA!! Que sufoco. Estávamos a uns 30 metros da bóia. O *japonês*

(=meu motor Yanmar 29HP) sofreu para arrastar os dois barcos contra o vento mas fiquei de olho na temperatura. Não estava sobre aquecendo e só com 70% de acelerador. Avançávamos a 1,5 nós, pelo GPS. Fiquei mais aliviado porque estávamos andando e, para minha surpresa, exatamente no curso para entrar no Porto Buceo, onde está o Yacht Club Montevideo. Nesse meio tempo, a Claudia Barth tinha pedido ajuda pelo radio ao Montevideo Control. Logo apareceu um bote inflável com três rapazes em trajes de mergulho. Avisaram que a lancha da Prefectura Naval estava vindo para fazer o reboque até o Clube. Esta veio em seguida. O André soltou o cabo e eles jogaram outro e rapidamente tudo estava sob controle. Muita eficiência, sem duvida. Entramos no porto.

O Victor ficou atracado perto do guincho para retirar o mastro e o Canibal ficou no trapiche. O clube é muito bonito e antigo. Tem um prédio de 5 andares com a diretoria, sala de ginástica, administração e alguns apartamentos como alojamento, alem de uma linda piscina e quadras de tênis e outros esportes. Em baixo, tem um escritório da Prefectura Naval que faz os despachos ali mesmo, não sendo preciso ir até a Prefectura para fazer a papelada. O Uruguai é muito organizado e exigente. Tudo tem que estar em ordem. Segundo a ONU, é o 4º país menos corrupto do mundo. Então, pessoal: nada de “jeitinhos” ou “cervejinhas” ao fazer os documentos. É “cana” na certa!

No porto de Buceo, onde está o clube, tem uma base de lanchas dos Práticos que trazem os navios até o Porto Comercial de Montevidéu.

Tivemos muita sorte, dentro de tudo:

O mastro caiu para fora do barco, não atingindo ninguém.

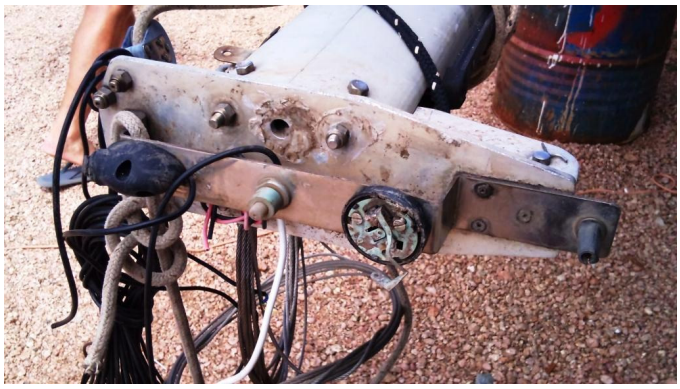
O resgate estava justo em frente, na costa, onde o mastro quebrou.

O clube estava a menos de 3 milhas de distancia, facilitando o reboque.

A vela mestra estava em baixo e foi poupada. A genoa ficou destruída.

O clube tinha uma oficina competente, com pessoa capacitada para fazer os reparos. É o TATU, conhecido até na Argentina, pelos bons serviços. Isso facilitou as vistorias.

Se isso tivesse acontecido em alto mar...



15/jan – Sábado: Montevidéu

Toque de despertar foi dado às 8:00. Café leve. Fomos para a sede do clube para nos apresentar e dar a entrada no país. No escritório da Prefectura Naval ganhamos mais dois carimbos, duas xérox e pronto. Tínhamos feito a saída para Argentina em Piriapolis e por isso reentramos no Uruguai. Senão, não precisaria fazer nada alem de se apresentar no clube. Tudo é público no Uruguai. A marina é publica, mas o clube é privado. Até cassinos publicos nós vimos!

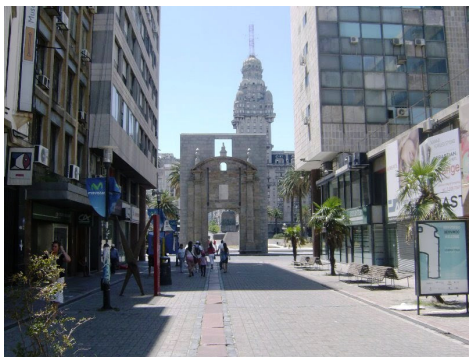
Á tarde, o mastro já tinha sido retirado e levado para a oficina. Domingo é folga. Previsão para terminar o conserto: 4ª feira.

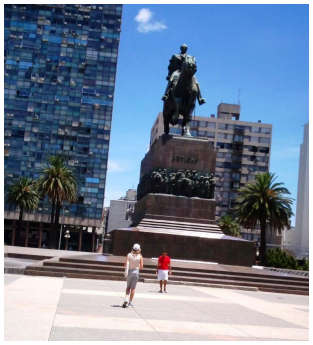
Fomos à pé até a sede da Prefectura Naval para fazer o Boletim de Ocorrencia do resgate. Depois, fomos ao Shopping Montevideo onde almoçamos e relaxamos. Comprei um Whisky Jameson para o Danilo, conforme prometido, troquei Reais: R$ 1,00 = 12,70 Pesos UY. Cambio melhor que Piriapolis (11,00 Pesos). Voltamos andando. Em frente à entrada do clube tem bancas de peixaria, frutas e um restaurante de frutos do mar. Compramos umas frutas, tomamos um bom banho, janta e cama.

16/jan – Domingo: Montevidéu

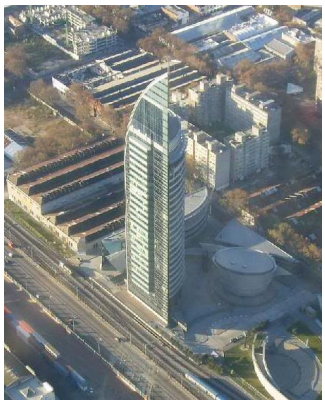
Precisamos ir para Buenos Aires para fazer um novo estai de proa, com terminais prensados. Não tem a prensa no Uruguai. Todos mandam fazer em San Fernando, Argentina. Também precisamos comprar os sensores, luz de tope, wind index, antena de TV, do VHF, etc. Como o porto é raso, quando entramos, a ponta do mastro veio “arando” o fundo e arrancou tudo.

Fomos de táxi até o *Buquebus* (=navios rápidos). Muita confusão, filas intermináveis, ninguém para informar preços e vagas. Era domingo... Tudo tem que ser pela Internet e ao embarcar, precisa dos documentos RG ou passaporte e outros. Ao sair, nos ofereceram um passeio pela cidade antiga e almoço. Muito bonito o passeio pela primeira praça, onde iniciou a cidade e o seu portal, vários monumentos, o teatro Solis, tudo com as devidas explicações.





Dicas culturais:
1) O nome Montevidéu veio de: Monte VI (numero romano) de E a O, ou seja: é a 6ª colina de Este a Oeste (visto da margem do rio Uruguay).
2) Existiam varias províncias na beira do rio. Por isso é “Republica Oriental del Uruguay”. Se refere à republica que está ao leste do rio Uruguay. Depois é que o país passou a ter o nome de Uruguay.



Passeamos também pela cidade nova, o Palácio do Governo e um edifício em forma de vela de um barco, construído pelo mesmo arquiteto que fez o hotel Burj Al Arab de Dubai. É claro que não é tão grande como este.

Almoçamos em um restaurante bem antigo, na cidade velha, com fontes de ferro fundido nas praças. Bom e bonito, cheio de brasileiros. A van nos deixou no clube. Buscamos na internet vôos e Buquebus para Buenos Aires para amanhã cedo. Nada! Solução: "***Canibal Sea Ways***"! 130 milhas (240 km) até a cidade do tango.

Conforme as previsões, vento médio para forte, mas a favor. Sairemos com calmaria e chegaremos depois de amanhã com calmaria. Tripulação: Andreas, André e Walter.

17/jan – Segunda: Montevidéu

Logo de manhã medimos o estai da proa junto com o competente Sr. Tatu, para ter certeza das medidas. Arrumamos tudo e zarpamos rumo a Buenos Aires. Sol, tempo bom com ventinho leste, fraco. Vela e motor, para não perder tempo, navegando a 7 nós. A lua cheia logo apareceu assim que anoiteceu. O vento apertou. 15 a 20 nós, barco andando a 9 chegando a 11 nós nas *surfadas* (=descendo as ondas)

18/jan –Terça: Buenos Aires

Na entrada de Buenos Aires, de manhã, só na vela, 7 a 8,5 nós. Rota muito movimentada, muitas bóias, bifurcações de canal, navios, barcos afundados com bóias de perigo isolado. Felizmente tivemos céu aberto e lua cheiíssima, iluminando tudo até o nascer do sol. Chegamos ao Yacht Club Argentino junto com o Buquebus da tarde, em que estaríamos. O porto deles é ao lado do clube. Resolvemos fazer a complicada burocracia dos papéis depois de obter as peças. Assim fazemos a entrada e saída ao mesmo tempo porque sairemos assim que tivermos tudo em mãos.

Pegamos um táxi até San Fernando, zona sul, a uns 30 km do centro. Fomos direto para o cara que fazia os estais. Fomos muito bem atendidos e fizeram o estai na hora. 45 minutos depois, estávamos a caminho das lojas *Costanera Uno* e *Baron*, onde conseguimos todo o necessário para refazer a instrumentação exigida para a vistoria do mastro e por preços bem melhores que os brasileiros. A tributação é bem menor. Fomos a pé carregando as coisas até um Mac Donalds e voltamos para o clube ás 16:00. Tomamos um bom banho e fomos para o restaurante principal do clube. Vimos um pessoal chegando de paletó e gravata e mulheres de longo. Olhamos para nossas havaianas e percebemos que não estávamos suficientemente "estéticos" para a ocasião. Voltamos humildemente para nossos barcos, cozinhamos um grude e, finalmente, fomos dormir.

Puerto Madero e Yacht Club ao fundo

Entrada a Buenos Aires, vista do mar

19/jan – Quarta: Buenos Aires

Muita chuva e vento à noite. É bom estar em um porto seguro nessa hora. Às 9:00 fomos até a secretaria do clube, fazer os papeis. Felizmente nos deram um impresso com orientação SEQUENCIAL dos documentos a fazer e endereços para onde ir. Deram também um Certificado de Amarras, coisa exigida para navios, mas lá, tratam um bote inflável como um navio! A burocracia é igual. Um absurdo.

Esperamos quase uma hora por um táxi, chamado pelo clube. Chuva forte e permanente. Veio uma senhora taxista e combinamos de fazer todo o recorrido para a documentação. Imigração e aduana, que eram mais ou menos perto do clube. Depois, fomos para o Riachuelo, onde fica El Caminito, no porto comercial. Em geral fomos bem atendidos, mas demorou. Enrolaram para fazer entrada e saída no mesmo dia, mas no fim, deu certo. Terminamos às 14:30. A taxista nos levou ao Jumbo do centro. Enorme! Valeu a pena. O táxi foi barato, pelo tempo que levamos. Deu R$ 78,00. Compramos Alfajores Havana e mantimentos e retornamos ao clube para comer um bife de chorizo no restaurante informal que fica em cima de uma colina. Comida muito boa. Vimos previsões com o Wi Fi gratuito. Calmaria, depois um sul (través) e no fim um leste (contra vento) em Montevidéu. Fizemos a saída do clube e partimos, rumo a Montevidéu.

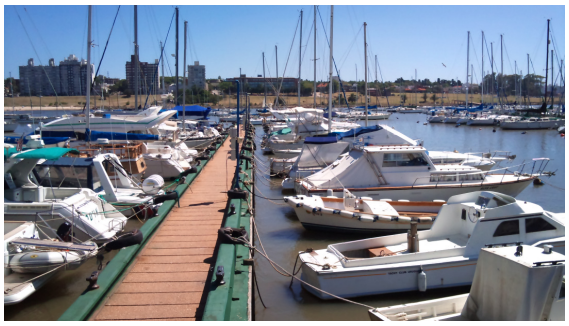
Vento forte, muitos navios. A rota perto do clube é dentro do canal dos navios. Depois vai ao lado de fora do canal, em paralelo. Cruzamos varias vezes a rota do Buquebus, que anda a 45 nós de velocidade! Felizmente é bem visível mesmo á noite.

Foto: Buquebus. Navega com 45 nós (85 km/h).

20/jan – Quinta: Buenos Aires

De manhã o vento acalmou. Motor e vela. De tarde, aumentou o vento, mas era contra. Orçamos, calçando com o motor. Em um dado momento, o motor parou. Estávamos fora de qualquer rota ou canal, então continuamos à vela, em zigue zague, *orçando* (=velejando contra o vento). Quando a borda de *bombordo* (=esquerda) estava alta, com o barco adernado para a direita, transferimos diesel de dois camburões para o tanque. O bocal é do lado esquerdo. Assim não podia entrar a água do convés no bocal. Estávamos a 35 milhas de Montevideu. O vento foi enfraquecendo. Quase chegando, ligamos o motor e sem acelerar muito, entramos. Deram-nos uma bóia bem na entrada da marina, com muitas ondas. O André fez um arroz com lingüiça muito bom. Ou era fome mesmo... Fizesse um tijolo "al sugo" teríamos comido igual.

Fomos ao clube, carimbamos a re-re-entrada no Uruguai e depois de um bom banho, finalmente cama. Tínhamos pedido diesel. O clube não tem posto e vem de caminhoneta. Teria que pagar em Pesos. Eu tinha só Reais e cartão, mas nada feito. Teria que trocar no shopping no dia seguinte. Ás 22:30 vieram oferecer diesel no barco. Dei o OK, mas queriam PESOS! Como é que eu poderia ter arranjado pesos em um barco na bóia? Que enrolação...



21/jan –Sexta: Montevidéu

Esperando o Victor ficar pronto. Como o barco está na *poita* (=bóia para amarrar o barco), resolvi modificar a vela mestra do Canibal para poder usar o 3º riso. O Victor vai ter uma pequena genoa e vai ser mais lento que na ida. Passei o cabo da esteira para a argola do 1º riso e pus a vela no gancho do 1º riso. Assim não dá para abrir a vela toda, mas livra os cabos dos dois risos. Mudei a posição dos cabos de riso e agora tenho 1º, 2º e 3º risos. Abri a vela nas três posições e funcionou. Apareceu o lancheiro e disse que o diesel estaria lá em ½ hora e aceitaria Reais. Ficamos de prontidão a tarde toda e nada. Abasteceram uma lancha e se foram. Não entendi nada. Os lancheiros são roleiros como muitas vezes são os nossos marinheiros. Piriapolis está a 50 milhas (27 km) e com o vento certo vai dar.

Á noite, fomos comer pizza no shopping. Quando fui trocar dinheiro, a casa de cambio tinha já fechado. Azar! Ou muita pizza...

22/jan – Sabado: Montevidéu

Depois do café fui para o Victor ver o que havia com as baterias. Ficaram sem luz e descarregou a bateria do motor. Limpei todos os terminais das quatro baterias. Funcionou. Ligamos o motor. Estava barulhento, o que indica falta de

água na refrigeração. O barco estava encalhado e a bomba de água puxava o lodo. Abri a bomba para ver o rotor. Cheio de lodo. Lavamos a bomba e fechamos. A maré tem que subir bastante para poder sair.

Á tarde, fui para a cidade com o Walter, para comprar novos Walkie Talkies. Os nossos pegaram muita água salgada e estragaram. Nos deram um endereço no shopping. A loja era de um bombeiro, amigo dos caras do resgate, e já sabiam da quebra do mastro. Tomamos um bom sorvete como almoço e voltamos. Pagamos as diárias do clube até 2ª feira, esperando a maré subir para poder sair dali.

Ficamos descansando e fazendo nada no barco. O Igor mandou uma mensagem para ligar o VHF no canal 10. Avisaram que tinha dado a maré certa, estavam desatracando e veio a Prefectura Naval dizendo que teriam que fazer a vistoria para poder desatracar! Levou duas horas até virem para o clube e não deu mais para sair! As marés são influenciadas pelos ventos, mais que pela maré, como no Guaíba. A variação é rápida. Pelo menos estão liberados até Piriapolis onde haverá outra vistoria. Jantamos no barco e fomos dormir.

23/jan – Domingo: Montevidéu

Esperando... Aproveitei e consertei umas coisas no barco. O Walter fez uma omelete reforçada, com salada. Estávamos almoçando quando o Victor passou ao

lado e todos gritando de alegria. Já para Piriapolis! Corri para a proa e soltei a amarra da bóia, motor ligado e vela em cima. Saímos afinal! Vento leste com 15 nós, contravento. Baixamos as velas para diminuir o arrasto e fomos batendo contra as ondas. O tanque de água estava vazio. Usamos garrafões de 5 litros para cozinhar. Por estar raso no clube, não deu nem para parar no trapiche e abastecer água. Fomos assim, batendo, até a

noite chegar. Cruzamos vários veleiros participantes da regata Punta-Buenos Aires e algumas bandeirinhas de redes ou outros artefatos de pesca, mas felizmente não vimos redes de superfície.

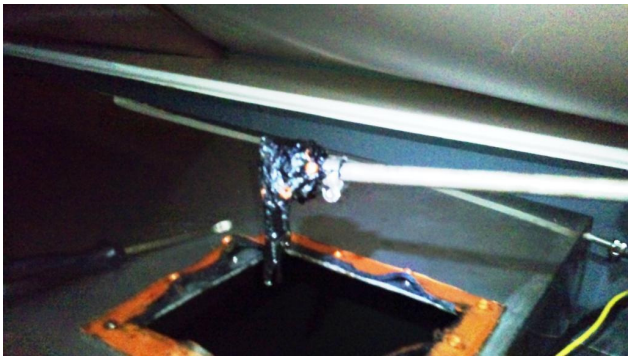
De repente, o motor parou. O vento estava bem na cara e mais forte. Avisei o Victor pelo radio e levantei as velas. Comecei a bordejar contra o vento. O Walter ficou cuidando em cima e eu fui ver o motor. Filtros eram novos, visor não tinha água mas tinha diesel. Medidor de combustível indicava 80 litros. Abri as tampas do tanque e olhei a mangueira transparente do tanque: correspondia aos 80 litros. Bati no tanque e não estava vazio. Conclusão: pescador entupido. Com o barco pulando ondas e adernado seria impossível abrir a tampa de inspeção, ainda mais com 80 litros dentro. Seria perigoso inundar o casco com combustível. Conclusão: bordejamos noite adentro, com o Victor a motor nos acompanhando de longe. Foi difícil vê-los porque a luz de tope não funcionava e a de esteira se escondia nas ondas. O Walter pegou bem o jeito das cambadas, lembrando os tempos de proeiro de Pingüim, na represa Guarapiranga, em São Paulo. A lua nos ajudou muito. Felizmente o vento rondou para Nordeste e favoreceu bem a chegada. Mas eram 2:00 da madrugada. Chamaram pelo radio algumas vezes para ver porque não tínhamos chegado ao fim da tarde, como informado. Expliquei que estava sem motor, contra vento e que o Victor, que também tinham chamado, mas sem resposta, estava ao nosso lado, acompanhando. Instruíram para ancorar em frente à praia porque não havia lugar para entrar. Que alivio. Não tinha idéia de como poderia entrar em uma marina à vela e contra o vento.

Ancoramos três vezes, ás 2:30 da manhã. Fundo de areia duríssima e a ancora não fincava. Dei um trancaço de ré e afirmou. Comemos umas frutas e fomos dormir, exaustos.

24/jan – Segunda: Piriapolis

Levantei às 7:00, preocupado com o motor e o diesel. Dia de sol, sem vento, felizmente. Preparei o bote, coloquei gasolina, embarquei um galão de 20 litros vazio e fui para a marina. Não tinha lugar nem para o bote. Deixei no contrabordo de um barco e escalei o paredão do cais, com o galão na mão. Ninguém no posto. O cara só vinha às 9:00. Esperei até as 8:00. Estava angustiado porque o vento estava aumentando e não confiei na ancoragem. Se *garrasse* (=ancora não segurar), o Walter não saberia o que fazer. Pedi um táxi para ir ao posto da cidade. Demorou tanto que o cara do posto chegou. Abasteci, desci o paredão, me equilibrando, com o galão cheio e embarquei. Voltei para o barco. O Walter estava

a postos. Café pronto e farto, eu também me abasteci. Tirei os colchões do camarote da popa, lençóis, mochilas, genoa 1 e outras tralhas. Tirei a bóia do medidor e testei. Perfeito.



Tela do pescador do tanque com resíduos

Abri a tampa de inspeção do tanque. A tela do filtro do pescador estava totalmente entupida com uma gosma preta. Estou usando um aditivo bactericida e, com certeza, era o resíduo que ficou. Cadáveres de bactérias?

Limpei tudo cuidadosamente, inclusive o fundo do tanque. Fechei tudo. Motor funcionando perfeitamente. É bom poder confiar nos instrumentos.

Pedi permissão para entrar na marina e abastecer, via radio para o Piriapolis Control, logo ao "desanclar", como instruíram. Foram 70 litros no tanque, confirmando que tinha 80, mais 18 litros no outro galão. Ficamos novamente no contra bordo do Victor. Enchemos o tanque de água e demos uma boa lavada no barco e lavamos a roupa. Fui para o Victor e junto com o André e o Igor. Fizemos uma verificação nos fios do mastro. Medindo amperagens e voltagens e juntando nossos científicos "achismos", deduzimos que faltava um fio terra para a luz de tope, cuja lâmpada estava boa. Juntamos dois fios pretos e EUREKA!! Funcionou. Um detalhe assim reprovaria a vistoria e nos faria ter que esperar outros dias mais. De volta ao Canibal, o Walter fez um macarrão bem bom. Uma boa ducha (39 pesos= R$ 3,25) e cama.

25/jan – Terça: Piriapolis

Depois do café, saímos a pé pela cidade. É um balneário muito charmoso, com praias de águas frias e com muitas água-vivas. Por isso vimos tantas focas boiando para descansar, com as nadadeiras ao vento. Fomos a uma *fruteria* comprar frutas frescas. Compramos carnes e lingüiça, tudo feito artesanalmente. Comida industrializada tem pouca e a maioria é da Sadia e outras marcas brasileiras. A carne é excelente e barata. A cidade é limpa e calma, mesmo na temporada. O Uruguai tem 3,5 milhões de habitantes e 1,5 milhão vive em Montevidéu. São simpáticos e atendem bem. Gostamos muito de conhecer este pais e pretendemos voltar, mas fora de temporada.

O André foi à Prefectura Naval para ver o assunto da vistoria. Queriam tirar o barco da água para vistoriar o casco e outras complicações. Ele ligou para o Sr. Carlos Pont, que falou com eles. Ajudou bastante. A vistoria já tinha sido feita na marina ontem à noite e deram autorização para sair. Felizmente já havíamos pagado a marina, para ter o comprovante de "Libre Deuda". Apresentamos isso na Prefectura, referente aos dois barcos e fizemos a saída do país para o Brasil.

Amanhã, teremos que sair antes das 10:00, para não vencer outra diária.

26/jan – Quarta: Piriapolis

Café às 7:30, arrumando tudo para sair. Completamos a água, gravei as previsões. Saímos às 9:30 com tempo bom e ventinho de popa, fraco. Ao passar pela **Isla Gorriti**, em Punta Del Este, o André perguntou no radio se queríamos ficar ali ou seguir direto. Resolvemos seguir. Havia uma frente do sul para entrar amanhã, que traria o vento sudeste, bom para nos trazer de volta.

Chuvinha á tarde, como foi previsto. Passamos ao largo de La Paloma ás 20:30, no motor e vela. Vento fraco na cara. Subitamente, apareceu uma neblina intensa, em pleno verão. Durou umas duas horas e dissipou. Radar a postos e muita atenção. À noite o vento girou para oeste com 9 a 10 nós, excelente para velejar. Alternamos motor e vela conforme o vento.

27/jan – Quinta: La Coronilla

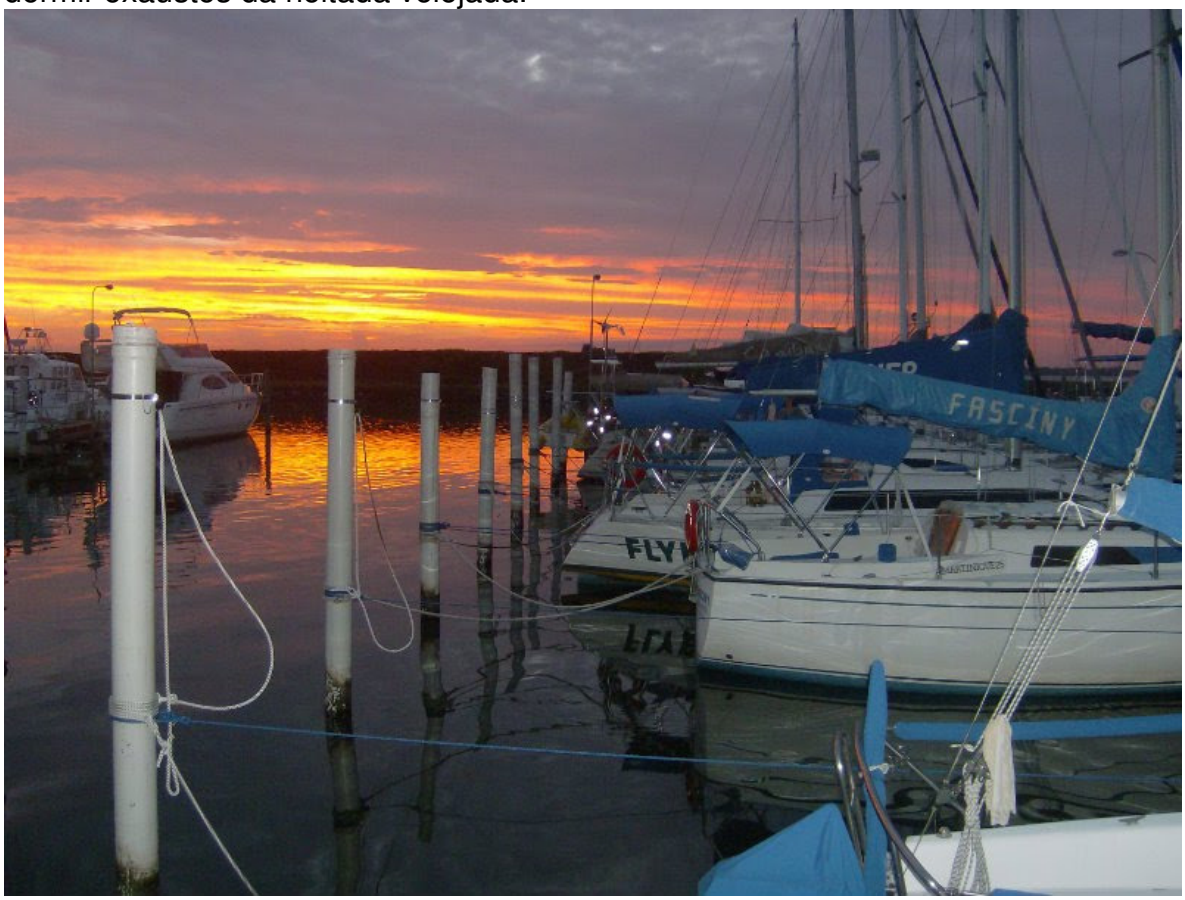
Só motor. Vento bem fraco. Semi-encoberto com as nuvens da frente nos acompanhando com chuvas em volta. Á tarde o vento girou para sul com 10 a 15 nós e ficou assim. Barcos andando a 4,5 a 5 nós. Mais á noite, perto de Chuí, já se viam barcos de pesca. No Uruguai não vimos nenhum. O sol aparecia às vezes, às vezes chovia um pouco. Vento do sul, fraco. Dia bem monótono e sem graça. Comi uma salada e pão com um presunto defumado artesanal delicioso. Passamos Chui motorando e desviando das bandeirinhas. Fiz varias filmagens do barco andando. O sol estava bonito e o mar maravilhoso. Vimos um fantástico por do sol. Compensou o dia de marasmo. Caiu a noite. A lua só apareceu depois das 2:00, já minguante.

28/jan – Sexta: Rio Grande

Chegamos perto da entrada do porto às 4:00 da manhã. Reduzimos os motores para entrar de dia. Entramos às 6:30, com o nascer do sol. Mar calmo e dia limpo. Subimos as 12 milhas (22 km) para chegar ao Rio Grande Iate Clube.

Entramos com todo o motor para vencer o lodo. Passamos direto porque a maré estava alta. Logo apareceram os funcionários e nos colocaram nas poucas vagas existentes.

Profundidade: 1,2 a 1,4 metros. Fomos direto para os chuveiros. Havia eletricistas refazendo a instalação. Tomamos um banho frio bem revigorante. Fomos à portaria para registrar a entrada, lavamos os barcos com água doce e fomos dormir exaustos da noitada velejada.



Descansamos até as 15:00. Veio um ventinho fresco e aliviou o calor de 36 graus. Falamos tanto do camarão de Rio Grande que o André nos convidou para um jantar de camarão com molho branco excelente. Conversamos bastante sobre nossas peripécias e fomos dormir contentes pela aventura realizada.

29/jan – Sábado: Rio Grande

Café às 7:30. O Walter e eu normalmente acordamos nesta hora. Fui tomar um banho, quente desta vez. Enchemos o tanque de água e preparamos tudo para sair. Saímos do clube às 9:00. Paramos no posto, os dois barcos no contra bordo. Comprei algumas coisas na loja do posto, que é bem completa e tem bom preço por ser uma loja dos pescadores.

Saímos do posto e entramos no Canal Miguel da Cunha que vai para São José do Norte. Ali passam as balsas e lanchas de passageiros, ligando as duas cidades. O canal é dragado para 3 metros, mas está muito assoreado. Ficamos perto das bóias vermelhas, mas no meio, encalhamos os dois barcos. Profundidade: 1,3 metros, lodo. Marcha à ré com todo o motor. Conseguimos sair. O Victor foi para o meio do canal e eu fui atrás, mas mais longe deles. Deu certo, mas na ultima bóia vermelha, é preciso chegar perto dela. O meio é raso.

Tempo bom com vento sudeste empurrando. Subimos o canal da Feitoria à vela. Depois, o vento girou para leste e o canal fica leste perto da saída. Vento na cara e motor. Atrás de nós, um grande navio vinha chegando. O canal na parte final é dragado e estreito alem de ter partes assoreadas nas bordas. Aceleramos, usamos as velas todas porque a saída do canal era uma orça e conseguimos sair do canal, um barco para cada lado. Abri bem o curso para dar lugar ao navio, que passou entre o Victor e o Canibal, aliviando a tensão.

Noite nublada com chuvas intermitentes. Lua minguada com pouca luz. Subimos a Lagoa dos Patos driblando navios, bandeirinhas de redes e barcos de pesca. Radar e muita atenção nesta navegada. Bem cansativo.

30/jan – Domingo: Lagoa dos Patos

Amanhece o dia, com tempo fechado, vento sueste com 15 nós. Regulando as velas para acompanhar o Victor. Aproximadamente às 7:00 entramos no Guaíba, passando pelo Farol de Itapuan.

Chegamos em casa. Pensei que o Victor fosse parar na praia do Sitio para descansar, mas seguiram direto para Porto Alegre. Eles também tinham vontade de chegar, assim como nós.

O sol apareceu, o vento girou para leste com 10 nós. Excelente velejada subindo o Guaiba.

A Tina do veleiro Liberdade nos ouviu pelo radio e nos saudou, assim como o Oceanics e outros barcos. É bom rever a turma e, conhecendo as conversas de trapiche, todos já sabiam dos detalhes da nossa viagem.

Chegamos no Veleiros do Sul às 13:30. Barcos atracados, despedidas dos amigos e cama, que ninguém é de ferro!

Tripulação do **Victor**: Cap.André Barth e Cap. Claudia Barth
Igor Volpatto
Tripulação do **Canibal**: Cap. Andreas Bernauer
Walter Stark

Fotos: Igor Volpatto e Andreas Bernauer, algumas “emprestadas” da Internet

DVD: Andreas Bernauer

Indiada de primeira categoria: Nós mesmos...